

Anjo negro

Ela tinha uma tatuagem nas costas que era deste tamanho, assim, ia de um lado ao outro das costas, de uma omoplata à outra. A tatuagem era um par de asas e, por isso, se via que ela era um anjo. Talvez fosse um anjo negro e decaído, mas disto eu não podia, então, ter a certeza. Apenas sei que não era um querubim do céu porque ela era linda, a mais bela mulher que eu vi na cidade, e não acredito que um anjo destes possa ter entrada franca no céu católico, com direito de ida e volta, pois a sua presença provocaria um constante tumultuo, uma agitação inusitada no paraíso das brancas nuvens. O meu anjo paulista era o pecado feito corpo, com aqueles olhos claros e luminosos e a boca carnuda de batom carmim, e, por isso, teria sido expulsa do firmamento, impedida do contacto com os demais seres alados, pois um regente qualquer das coisas celestes decretara, sem piedade, que a sua permanência impedia o descanso eterno e que a sua visão depressa geraria ciúmes e ódios, a simples cobiça e o perverso desejo.

Isto eu fui percebendo aos poucos, sobretudo porque ela sorria e o seu riso era um escândalo sublime e morno, suave e, porém, contundente como um sussurro incendiário, como se, ao sorrir, o espectro dela se deslocasse, invisível, e viesse depositar um beijo no alto do meu pescoço, aqui atrás, onde a pele é mais fina e se eriça. Tudo nela era o que se via e também uma corrente de ar quase imperceptível, uma delicada deslocação dos átomos todos, uma agitação de algo que ninguém podia ver ou pressentir, excepto eu. Ela falava e a sua voz era aquilo que dizia e uma coisa que só eu escutava, melódica e doce. Ela mal agitava as mãos e, todavia, eu

julgava que o anjo me tocava com os dedos longos e magros e sentia na pele a dureza das unhas longas e negras, esmaltadas e brilhantes. O seu corpo esguio não se movia, mas eu julgava ver nele um requebro, uma subtil ondulação, um chamamento do meu corpo todo.

Era um anjo decaído e disso estou agora quase certo, porque o traço negro das suas asas, de um lado ao outro das costas magras, tinha algo de diabólico: como se a cada instante se lhe pudessem insuflar as omoplatas e, nisto, as asas ganhassem corpo, se materializassem de facto, ganhassem penas negras e brilhantes como as dos corvos e ela fosse capaz de pairar junto ao tecto do bar, por entre o fumo dos cigarros e os gritos roucos do gordo que cantava no palco, e escolher de entre todos os que agitavam as cabeças aquele a quem iria perder. Tomando-o pelos ombros, ela ergueria, num mudo trovejar de penas, o corpo do eleito e, juntos, ascenderiam na bruma de um interminável e obscuro beijo, imaterial e negro, que ignorasse a dureza do tecto e a altura dos prédios da cidade, o esgarçar das guitarras e o ribombar da bateria. Enleados, confundir-se-iam com a fumaça do bar e logo seriam apenas um só corpo e, depois, fumo.

Desejei, vendo que sorria e sabendo que tinha um nome, um nome qualquer, desejei, dizia, que me perdesse a mim. Que me enlaçasse pelo peito e chupasse alguns pingos do meu sangue. Que dos seus cabelos, dos seus longos e negros cabelos despertassem viboras que viesse remexer o meu cabelo, despenteá-lo. E que me levasse para longe, para o fundo dos fundos, para os abismos mais negros, e neles me fizesse seu, aí me tatuasse nas costas um par de asas negras. De uma omoplata a outra, assim, para que vida nenhuma nos pudesse separar.

Manuel Jorge Marmelo



JOÃO MATO PINTO

BANG BANG BANG BANG

**TATTOOS
BODY PIERCING**

**AV. HELIODORO SALGADO, 104
SINTRA TEL.: 219 232 128**

WWW.BANGBANGTATTOO.COM